



Por uma ‘escola do olhar’: a concepção de educação na escola básica de são tomé de negrelos – a escola da ponte

Taís Oliveira de Amorim da Silva

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar um conciso histórico a respeito da fundação do projeto pedagógico “Fazer a Ponte”, realizado na Escola Básica de São Tomé de Negrelos, em Portugal. Para o entendimento de algumas práticas educativas inovadoras utilizadas na escola conhecida pelo nome de “Escola da Ponte”, julgou-se necessário expor alguns dos dispositivos utilizados por seus educadores e que são responsáveis, em parceria com a ideologia vigente na escola, pela proficiência encontrada nos alunos que lá estudam.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas em Língua Portuguesa, Escolas de Inspiração Livre e Escola da Ponte.

ABSTRACT: *This article aims at presenting a brief history of the foundations of the pedagogical Project “Fazer a Ponte”, made in the Basic School of São Tomé de Negrelos, in Portugal. In order to understand some educational practices used in the school called “Escola da Ponte”, it was considered necessary to expose some of the resources used by the educators who are responsible, not only for the current ideology, but also for the proficiency identified in the students there.*

Keywords: *pedagogical practices in Portuguese language, Free Inspiration Schools, Escola da Ponte.*

“Quando te vi, amei-te muito antes”

Fernando Pessoa



I – INTRODUÇÃO

Tema profundamente difundido em reuniões políticas em todo o mundo, a educação vem, ao longo dos séculos, buscando caminhos singulares para que, através deles, seja possível elaborar soluções que acabem com o mal-estar que atinge as escolas. Vive-se o ‘século da agonia’ na educação, época em que as respostas são buscadas de forma incessante por educadores em todas as áreas do conhecimento.

Em virtude disso, o presente artigo, intitulado **Por uma ‘Escola do Olhar’: A Concepção de Educação na Escola Básica de São Tomé de Negrelos – A Escola da Ponte**, tem como âmbito uma escola portuguesa conhecida em todo mundo pelo nome de Escola da Ponte e que vem, ao longo de seus trinta e três anos de atuação, implementando novas práticas pedagógicas e, com elas, modificando um quadro problemático na educação em Portugal. Chamada de Escola da Ponte por razões a serem explicitadas ao longo deste artigo, está localizada há cerca de trinta quilômetros da cidade do Porto, no Conselho de Santo Tirso, em Vila das Aves.

Realizadora de uma pedagogia particular, a instituição chama atenção por possuir ideologia extremamente libertadora e pelo fato de ser vista por alguns que não a conhecem como uma escola anárquica. Assim sendo, justifica-se a necessidade de, através de uma leitura concisa, tentar se entender um pouco mais sobre as razões que semeiam nos alunos desta escola uma essência tão diferenciadora.

II - A ESCOLA

Instituição pública de ensino nascida dos sonhos de um educador português denominado José Augusto Pacheco, a Escola da Ponte

é, sem dúvida, o maior ícone em língua portuguesa das chamadas “Escolas de Inspiração Livre”, termo este cunhado pelo Doutor Reuber Gerbassi Scofano, professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tendo um início tradicional, a escola enfrentou problemas habituais comuns a muitas realidades escolares no mundo. Contudo, procurou, através de algumas vicissitudes encontradas, criar uma ideologia que, mesmo sendo vista como ‘mais uma utopia pedagógica’, buscasse uma saída para solucionar o caos em que se encontrava a educação em Portugal naquele momento.

Nesta época, alunos que dependiam do bom funcionamento do sistema escolar contavam com apenas três professores que, contrariando as atitudes previsíveis aos sistemas habituais, preferiram unir todos os alunos, independentemente suas faixas etárias, graus de escolaridade e históricos de dificuldades pessoais. Esta ‘união’ foi realizada após uma consulta a todos os responsáveis que, de imediato, forneceram total confiabilidade à iniciativa dos educadores.

Com o instaurar dos trabalhos escolares, docentes e discentes foram percebendo que a comunicação entre os membros da escola e a comunidade local não existia, o que dificultava em demasia a realização de projetos no cotidiano. Foi assim que, através da tentativa de fazer-se uma ‘ponte’ entre a escola e a comunidade que José Augusto Pacheco, até então professor da escola, fez nascer o Projeto Fazer a Ponte com o intuito de tentar integrar cada vez mais as iniciativas dos membros daquela comunidade em torno de um bem comum.

Seguindo princípios de filósofos como Ivan Illich, que acreditava que *“a maioria dos homens têm seu direito de aprender cortado pela obrigação de frequentar a escola”*



(ILLICH,1973,p.17) o projeto buscou, ao longo de sua constituição, romper com tudo aquilo que provoca a apatia pedagógica tão usual em alguns ambientes destinados ao ensino. Tentou gerar a inquietude, a indignação e, através de tudo isso, semear o desejo de transformar, de tentar o desconhecido.

Vista por muitos como uma escola “Destrutivista”, a escola portuguesa não deseja somente desconstruir sem um propósito. Ao semear nos alunos responsabilidade para criar regras, autonomia no gerenciamento de projetos e a fundamentação coerente de conceitos primordiais à convivência humana, busca-se ir além de tudo que já foi tentado. Gerar um ser humano pleno, capaz e, além disso, dotado de felicidade e desejo pela vida.

Conceituada por muitos estudiosos como um mero instrumento de utopia e ingenuidade pedagógicas, a escola portuguesa não é capaz de convencer a todos que a visitam e nem tem isto objetivado em seu cotidiano. Para aqueles que compartilham das ‘idéias ponteanas’, basta enxergar-se o projeto com olhos que nunca esperaram por algo assim. Para entender o que está sendo visto lá, não é preciso centralizar o pensamento em teorias, em fundamentações técnicas que, na prática, nada fazem. Na poesia de Alberto Caeiro, vemos que “*Pensar é estar doente dos olhos...*”, e a escola deseja justamente isto: tratar como poesia o que tem sido pensado, transformado em teoria e sistematizado por tantos séculos. Sobre a visão e as impressões que construímos, Alves (2001, p.28) declara:

Nietzsche dizia que a primeira função da educação é ensinar a ver. Ver é coisa complicada, não é função natural. Precisa ser aprendida. Os olhos são órgãos anatómicos que funcionam segundo as leis da física ótica. Mas a visão não obedece às leis da física ótica. Bernardo Soares: ‘O

que vemos não é o que vemos, senão o que somos’. É preciso ser diferente para ver diferente. Mas, e o ‘Ser’? Ele é feito de quê? ‘Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo’, dizia Wittgenstein. O ‘Ser’ é feito de palavras. Prisioneiros da linguagem, só vemos aquilo que a linguagem permite e ordena ver. A visão é um processo pelo qual construímos nossas impressões óticas segundo o modelo que a linguagem nos impõe.

Tendo como lema a interseção entre liberdade, autonomia e senso crítico, a escola vista por Rubem Alves como “uma experiência de iluminação” se distingue justamente por conseguir entender que a realização pessoal de seus alunos deve ser o foco de todo o fluir educativo. Lá ocorre uma revolução na posição discente: os alunos são o centro, os geradores de temas e gestores dos projetos que são elaborados através deles.

Uma das primeiras barreiras quebradas pela educação ponteana é o fato de na escola as crianças possuírem identidade e terem o reconhecimento desta por parte de todos os funcionários. Todos se conhecem pelo nome. Os alunos não são apenas números listados nas chamadas, que no caso da Escola da Ponte são desnecessárias, pois há, dentro das crianças que lá convivem, o ‘desejo de estar na escola’, de ‘tornar a escola um acontecimento’. A Escola cerne deste artigo é aquela em que o desejo predomina em todas as suas esferas. O que importa são o sentidos e, mais do que tudo, o existir deles em cada aluno.

As crianças, por desde o início terem uma visão diferenciada da relação professor-aluno, ou seja, uma visão não autoritária e justamente por isso profundamente democrática, não têm o hábito de recorrer apenas aos mestres

para solucionar quaisquer dificuldades. Todas, desde cedo, reconhecem o fato de estarem em uma sociedade cooperativa e sabem que nela podem aprender umas com as outras. A chamada 'zona de desenvolvimento proximal' não precisa de teorizações para ser vivenciada pelos alunos. Eles aprendem que é importante reconhecer a necessidade de se pedir ajuda. Talvez por isso, devido ao pensamento coletivo introjetado desde o início nos alunos, não seja enfatizada a questão da competição desmedida e individualista, pois os membros compreendem por si mesmos a durabilidade do aprendizado diferenciado que edificam. Como resultado de uma convivência amistosa, saberes coletivos e de natureza democrática norteiam todas as atividades. Sobre o tema, relata Alves (2001, p.14):

A Ponte é, desde logo, uma comunidade profundamente democrática e auto-regulada. Democrática, no sentido de que todos os seus membros concorrem genuinamente para a formação de uma vontade e de um saber coletivos - e de que não há, dentro dela, territórios estanques, fechados ou hierarquicamente justapostos. Auto-regulada, no sentido de que as normas e as regras que orientam as relações societárias não são injunções impostas ou importadas simplesmente do exterior, mas normas e regras próprias que decorrem da necessidade sentida por todos de agir e interagir de uma certa maneira, de acordo com uma idéia coletivamente apropriada e partilhada do que deve ser o viver e o conviver numa escola que se pretenda constituir como um ambiente amigável e solidário de aprendizagem.

Tendo diluídas em seus princípios questões como cooperatividade, solidariedade e afeto, seus alunos e professores fazem a escola ser vivida em todas as suas dimensões. Ao con-

trário das ditas escolas normais, os alunos não são colocados como meros receptáculos de informações através de planos que já chegam até eles prontos. Na Escola da Ponte não é desta forma que o saber acontece, ele se constrói em parceria e, por se tratar de uma escola que valoriza o 'olhar do outro', é justamente através desse olhar que o saber se motiva e é construído pelas mentes inquietas que lá trabalham. Os professores sugerem caminhos e, através do olhar do outro, desenvolvem a sensibilidade necessária para avaliar qual será a melhor via de aquisição do conhecimento a ser seguida.

III - OS ALICERCES DA APRENDIZAGEM PONTEANA

A lógica única exercida pela Escola da Ponte deixa alguns educadores tradicionais um tanto quanto estarecidos. Lá não existem as turmas criadas pelos professores, mas sim grupos que incluem alunos em busca de um interesse comum e que se unem justamente por vontade própria. Lá, os alunos têm seus desejos respeitados e é justamente ele, o desejo, que move seus interesses. Desta forma, a educação é vista como um percurso e, para que este seja facilitado, é importante que seja percorrido da maneira mais agradável possível, que é, segundo os próprios alunos da escola, ao lado de quem se deseja.

A principal razão que leva as crianças à formação do grupo de estudos é a afetividade entre elas. Ao concretizar mais esta meta, a escola desconstrói uma repetição educacional sem reflexão e que é responsável por, em parte, anular a identidade e as peculiaridades dos seres humanos que ali estão: o conceito de turma. Na Escola da Ponte não há turmas tradicionais; o que há são grupos de estudos estruturados em torno do desejo de estarem juntos e, principalmente, do desejo de aprenderem em grupo para poderem trabalhar em



espaços que abriguem com menos rigidez a coletividade. Além disso, vêm a si mesmos como partes que se reconhecem em um mesmo processo, facilitado, a todo instante, por esta integração permanente.

Por não contar com a divisão por séries, ou turmas, o trabalho no dia a dia da escola se dá através de Núcleos de Projeto, a saber: Iniciação, Consolidação e Aprofundamento.

O desenvolvimento das primeiras competências necessárias para que seja possível trabalhar com autonomia é feito na Iniciação. Nesta fase, é objetivado o equilíbrio entre a criança e a administração de seu tempo e espaço utilizados no convívio diário.

No Núcleo intitulado Consolidação, são trabalhadas habilidades difundidas na Iniciação. Ter a capacidade de autplanejar as atividades, exercitar a auto-avaliação, pesquisar em grupo e entender como se processam as metodologias de trabalho da escola, são requisitos indispensáveis para aqueles que transitaram do primeiro Núcleo para o segundo. É na Consolidação que as competências relativas ao primeiro ciclo do ensino básico são alcançadas.

Já as competências definidas como fundamentos para o segundo ciclo do ensino básico são desenvolvidas no Núcleo de Aprofundamento. Os alunos que possuem mais de treze anos de idade têm ao seu dispor alguns projetos de pré-profissionalização que podem ser trabalhados neste nível, caso julguem necessário.

Por se tratar de uma educação que respeita o aluno e faz de suas diferenças riquezas, em alguns casos, após a análise de um conselho, crianças com menos de sete anos poderão ser inseridas no Núcleo de Consolidação, caso

esta mudança seja vista como proveitosa para elas e para o grupo.

Nas palavras de Rubem Alves, a escola portuguesa é “uma escola artesã” e não “uma linha de montagem”. Segundo ele, há as que funcionam como linhas de montagem a serviço do mercado. São as que se preocupam em formar peças e não indivíduos. Tais seres não têm marcas pessoais e são vistos pelo mercado como ‘produtos padrão’ que têm a capacidade de se encaixar em qualquer lacuna que este mercado venha a oferecer. Já na ‘educação artesã’, que acontece na Escola da Ponte, cada aluno tem suas impressões do mundo formadas de acordo com o próprio olhar. É este olhar que se torna o criador de um indivíduo que, através de suas imperfeições, se mostra perfeitamente singular.

Para estar totalmente integrado ao processo educativo ponteano, são necessárias algumas peculiaridades a quem a escola convencionou denominar Orientador Educativo. O perfil requerido a este profissional é descrito no Projecto Educativo da Escola da Ponte, elaborado em maio de 2003, e que, dentre as atribuições descritas, cabe ressaltar: assiduidade, motivação, contribuição ativa e construtiva para a resolução de conflitos, autonomia, responsabilidade e solidariedade. O perfil possui atribuições direcionadas ao tratamento dado à escola e ao projeto, aos colegas de trabalho e aos alunos.

O sistema artesanal incentivado pelos orientadores educativos é algo que envolve uma complexidade de natureza singular. Por se tratar de um meio inovador, requer atenção constantemente e, por ser algo que necessita de trabalho profícuo, é preciso total engajamento por parte de todos que lá trabalham. Neste trabalho, grupos são formados e recebem nomes que são reconhecidos por todos os integrantes



do projeto. Tais nomes refletem a faixa etária e as ideologias de seus participantes.

Após a escolha do nome pelo grupo, este marca uma reunião com um Coordenador de Núcleo que poderá alterar a constituição do mesmo caso existam alguns problemas de convívio que gerem a necessidade de alguma reformulação e só então é estabelecido um plano de trabalho para os próximos quinze dias. Neste plano, constarão o tema da pesquisa, através de quais metodologias ela será realizada e, principalmente, em quais fontes o grupo poderá procurar por respostas. Por se tratar de uma educação ativa e modernizada, os meios virtuais quase sempre norteiam as pesquisas desses grupos de estudo organizado. Passados quinze dias, os alunos se reúnem com os professores para avaliarem primeiramente se a aprendizagem foi proveitosa para todos, depois, justificam-se as dificuldades encontradas e só então verificam se houve solidez nos conceitos adquiridos. Após realizar tais constatações, o grupo se dissolve e seus membros irão incluir-se na formação de outros que reiniciarão todo o percurso novamente. Todo o trabalho realizado, embora orientado pelo coordenador de núcleo, tem apenas um objetivo: colocar o aluno na posição de agente do processo fazendo com que este perceba a importância do seu engajamento na conquistas de resultados para ele e seu grupo.

Denominado pela comunidade ponteana como Método de Leitura Natural, a aprendizagem lingüística nasce naturalmente, de forma ampla à restrita, ou seja, é nas palavras e frases inteiras que se tem o iniciar da alfabetização. Tais palavras são diretamente vinculadas à vida de cada aluno, isto é, de seu universo lingüístico-significativo e é a partir desta significação que a alfabetização acontece. Não se acredita na escola em sistemas como “ba – be – bi – bo – bu” ou “a, e, i, o, u”, pois para eles “ba” não é nada, não possui significação

aparente e utilidade no dia a dia do alunado. Segundo os educadores da Ponte, esta forma tradicional é ultrapassada e, por tal motivo, atitude totalmente abolida. Existe a preocupação de se vincular significados à aprendizagem e isso justifica a atitude de se adotar um método tão diferenciado. Tal iniciativa tem gerado na escola leitores com proficiência comprovada e um desejo pela leitura que ocorre, em vista de outras escolas, de forma antecipada.

Por explorar o que a maioria das escolas estereotipa, as diferenças não são norteadoras do tratamento dispensado a cada membro. Por reconhecer que todos são diferentes e, justamente por isso, se complementam, portadores de várias síndromes são tratados e tratam a si mesmos com igualdade. Os alunos com necessidades especiais são dispostos e inclusos verdadeiramente, ao contrário do que acontece em muitos ‘projetos de inclusão’ que são escritos e quase nunca postos em prática. O fato de ser uma instituição que tem em sua natureza o desejo de abrigar excluídos sociais, crianças não aceitas em outros sistemas são muito bem-vindas ao convívio ponteano. A escola não admite que fiquem fora do sistema quaisquer crianças vítimas de alguma restrição que as impeça de estudar ou que, de alguma maneira, as coloque fora da sociedade.

Devido à aceitabilidade irrestrita exercida pela escola, cerca de ¼ de seu corpo discente é constituído por crianças com algum diagnóstico psicológico comprometido ou até mesmo alguma restrição psiquiátrica relevante. Com isso, a educação ponteana vem trabalhando as desigualdades em todas as suas instâncias e fazendo delas fontes para a extração do verdadeiro potencial de seu alunado.

Cidadania e solidariedade são questões presentes em muitos dispositivos criados pelos alunos e professores adeptos da educação ponteana. Entre os dispositivos gerados está o



quadro “*Tenho necessidade de ajuda em...*” e “*Posso ajudar em...*” em que, alunos com dificuldades de aprendizagem e outros com uma facilidade um pouco maior trocam experiências e com elas criam uma rede de relações de ajuda que os favorece como um todo. A estratégia gera mais que uma mera assimilação de conteúdos, semeia um espírito participativo e uma aprendizagem de valores, pois quem sabe se propõe a ajudar quem ainda não sabe e quem tem alguma dificuldade consegue reconhecer isso.

Já os dispositivos “Eu já sei”, “Eu ainda não sei” e “Eu pensava que sabia” funcionam como auto-avaliadores dos conhecimentos adquiridos ao longo dos trabalhos. Educadores da Escola da Ponte acreditam que através desta rede de relações é possível exercer o que de mais consistente há no que se refere ao pleno exercício da cidadania, a preocupação com o outro e o trabalhar dos limites e habilidades humanas.

No quadro onde ficam expostas expressões como “Acho bom” e “Acho mau” os alunos colocam as opiniões relativas às atitudes dos colegas. Casos de indisciplina e dificuldades de convívio são relatados e geram reflexões após suas exposições nas respectivas listas.

O fato de lidar com questões sociais complexas particulares ao seu alunado faz com que a escola portuguesa seja mais que uma escola. Ela é vista por educadores de todo o mundo como uma instituição diferenciadora em todos os sentidos, tanto com relação aos métodos inovadores como com relação à conduta de seus membros. Esta diferenciação metodológica não os obriga a cumprirem os mesmos prazos seguidos por outras instituições. Todo trabalho é realizado respeitando-se o tempo e as peculiaridades dos grupos envolvidos em todo o processo de aprendizagem.

Os espaços nos quais o conhecimento é compartilhado são variados e neles os alunos produzem de forma livre tudo de que necessitam para auxiliar em seus trabalhos. Em entrevista à Revista Nova Escola, José Pacheco (2002, p.25) cita:

Não há salas de aula, e sim, lugares onde cada aluno procura pessoas, ferramentas e soluções, testa seus conhecimentos e convive com outros. São os espaços educativos. Hoje, eles estão designados por área. Na humanística, por exemplo, estuda-se História e Geografia; no pavilhão das ciências fica o material sobre Matemática, e o central abriga a Educação Artística e a Tecnológica.

Em tais espaços, além do exercício constante em favor do cumprimento dos planos quinzenais, há também o acontecimento de trabalhos individuais. Embora os professores acreditem na individualidade de alguns trabalhos, não é encorajada a postura individualista, muito menos solitária. O que se busca, contudo, é a administração das necessidades humanas respeitando-se o outro e reconhecendo nele uma fonte inesgotável do que os educadores da escola chamam de saber compartilhado. Embora seja buscado, com isso, o exercício de saberes nobres, como solidariedade e cidadania, por exemplo, muitos alunos e professores que nesta escola ingressam acabam deixando-a em busca de novos sistemas que tenham uma adequação mais exata às necessidades particulares que, na Escola da Ponte, não são as que mais importam.

Partilhando do pensamento grego que acreditava que todo pensamento se inicia no espanto, as crianças envolvidas no projeto têm o conhecer iniciado a partir do espanto causado pelo desconhecido. Por serem extremamente curiosas, buscam responder ao que não sabem



e é desta forma que se inicia o movimento. Em busca dos temas dos projetos que trazem contidos em seu fazer a capacidade de resolver questões que vão das mais simples, como responder a perguntas tais como “Por onde as árvores respiram?” até outras mais complexas, como “e quando não têm folhas, por onde as árvores respiram?” ou “Como, há tanto tempo atrás, as caravelas portuguesas chegaram tão longe e hoje, com tanta tecnologia, na comemoração dos 500 anos do Brasil, a réplica não conseguiu navegar?” “Que tecnologias foram usadas naquela época que hoje, 500 anos depois, ainda não conseguimos entender?” As crianças fazem questões que são resultados de um ensino que acontece de forma consistente e que, seja ele realizado de forma conjunta ou individualizado, ocorre naturalmente.

A singularidade do projeto se deve também ao fato de pais e filhos estarem do “mesmo lado do jogo”. Ambos se envolvem em prol de um trabalho único, conjunto, a fim de se alcançar um bem comum. Não é encorajada entre eles uma relação de troca utilitária em que o filho que produz é recompensado pelo pai, enquanto o que não se adequa como é devido se esconde do sistema e engana os pais através de métodos milenares de desonestidade cotidiana executados entre filhos e pais sempre que o assunto gira em torno de notas, boletins, faltas e atrasos...

Os alunos da Escola da Ponte não escondem o que fazem na escola. Ao contrário, contam com a cooperação cotidiana de familiares e amigos da comunidade que estão constantemente engajados no processo de aprendizagem coletiva. O engajamento é tão forte que, contrariando o sistema tradicional vigente na maioria das escolas do mundo, a reunião de pais é mensal e tida por todos como um encontro de colaboradores entretidos e dispostos a trabalhar. Na Escola, os pais e demais responsáveis de forma alguma se caracterizam

como aqueles tradicionais que comparecem à escola para apenas ouvir críticas e reclamações a respeito do comportamento de seus filhos indisciplinados.

Partilhando dos conceitos e adepta desta ideologia está a Associação de Pais de Portugal que financia o referente às lacunas deixadas pelo governo. Tal governo, por discordar das vias inovadoras escolhidas pela escola, mesmo sem conhecer o projeto de forma aprofundada, tentou diversas vezes fechá-la alegando incompatibilidade com o sistema nacional de educação vigente no país. Contudo, mesmo sofrendo com processos e repressões governamentais, ela é uma das poucas instituições públicas do mundo com autonomia suficiente para escolher, por exemplo, seu próprio corpo docente.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar-se as palavras de Fernando Pessoa, “*Quando te vi, amei-te muito antes*”, encontra-se a essência do Projeto Fazer a Ponte. Para entendê-lo, é preciso ter-se um olhar diferenciado capaz de captar as peculiaridades envolvidas em sua confecção. É preciso, antes de mais nada, navegar de forma livre, sem medo do que está por vir. Aceitar este projeto é muito mais do que aceitar simplesmente. É vivê-lo em todas as suas vicissitudes e através delas incorporar-se às questões difundidas e exercidas por ele.

Ao ser perguntado a respeito de fórmulas mágicas que acabem com a apatia educacional que envolve os alunos e se realmente há algo na Escola da Ponte que possa ser ‘copiado’, José Augusto Pacheco declara:

“Vimos de um velho edifício, sem mesas e portas nos banheiros. Tínhamos que fazer paredes para que fosse possível



usá-los e hoje me perguntam se o modelo de educação da Ponte pode ser instalado aqui ou lá. A respeito disso eu digo: a Escola da Ponte não é um modelo a ser seguido. A Ponte é para se inspirar...” (2006, p.64)

Visto como uma ‘utopia pedagógica’ no ano de 1976, o Projeto Fazer a Ponte é, atualmente, um dos pólos de educação mais visitado e tido como exemplo por muitas realidades educacionais vigentes no mundo. Grupos de professores vindos dos cinco continentes estão constantemente na escola com o objetivo de buscarem soluções ou, pelo menos, um caminho que possa levar às respostas que há

muitos séculos são buscadas por aqueles que ainda acreditam que a educação, e somente ela, pode ser a responsável por gerar um indivíduo responsável, crítico e pleno na construção de seus valores.

Sobre o autor:

Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Curso de Letras e Coordenadora do Curso de Pós-graduação em Educação e Práticas Pedagógicas do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir**. 6 ed. São Paulo: Papyrus, 2001.
- ILLICH, IVAN. **Sociedade Sem Escolas**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PACHECO, José. **Para os Filhos dos Filhos dos Nossos Filhos**. São Paulo: Papyrus, 2006.
- PESSOA, Fernando. **Poemas Escolhidos**. Santiago: Klick, 1997.
- Projeto Educativo da Escola da Ponte**. São Tomé de Negrelos, maio de 2003.
- Regulamento Interno da Escola da Ponte**. São Tomé de Negrelos, jun. 2003.
- Só aprende quem tem fome**. Revista Nova Escola, Rio de Janeiro, p.95, maio. 2002.